

ESTUDO SOBRE AS PERCEPÇÕES DOS JOVENS NA PERSPECTIVA DA SUA ATUAÇÃO NO COOPERATIVISMO

STUDY ON THE PERCEPTIONS OF YOUNG PEOPLE FROM THE PERSPECTIVE OF THEIR PERFORMANCE IN COOPERATIVISM

ESTUDIO SOBRE LAS PERCEPCIONES DE LOS JÓVENES DESDE LA PERSPECTIVA DE SU ACTUACIÓN EN LA COOPERATIVISMO

Nelson José Thesing¹
Elaine Terezinha Wagner²
Pedro Luís Büttgenbender³
Cleiton Jardel Carneiro⁴

RESUMO

O presente estudo versa sobre as perspectivas de atuação do cooperativismo e suas desafiadoras relações com os jovens. O objetivo deste estudo foi o de entender a cooperação, com a possibilidade da presença dos jovens, para contribuir em novas configurações e arranjos institucionais em uma cooperativa de crédito, na região na Região Noroeste, no estado do Rio Grande do Sul. Para responder essa expectativa, o estudo conta com a pesquisa de natureza aplicada, com abordagens, qualitativa e quantitativa, exploratória e descritiva. Significa, que o estudo, apresenta uma investigação científica baseada em pesquisa de campo com jovens de 19 a 30 anos, cujos resultados, apresentam a cooperativa de crédito, como sendo um ambiente de atração de novos sócios. Esse resultado, vem em boa parte, das práticas realizadas pela cooperativa, pelo bom atendimento, dos benefícios proporcionados. O estudo indica a importância protagonizada de valorização do quadro associativo, pela transparência das atividades, pela gestão democrática e participativa, as iniciativas de educação cooperativa dirigidas as pessoas de diferentes faixas etárias e o seu envolvimento com a comunidade. O destaque na percepção dos jovens, aos projetos desenvolvidos em escolas através do Programa União Faz a Vida. Aduz o estudo indicando as possibilidades e perspectivas positivas do cooperativismo, na ótica dos jovens, na medida que desenvolve atividades dirigidas com

¹Doutor em Integração Regional. Professor do Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis, Econômicas e da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Ijuí. Rio Grande do Sul. Brasil. ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7123-0717>. E-mail: nelson.thesing@unijui.edu.br

²Aluna do Curso de Pós-Graduação, *Lato Sensu*, em MBA em Gestão de Cooperativas de Cooperativas, no Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis, Econômicas e da Comunicação da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Ijuí. Rio Grande do Sul. Brasil. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-9260-2476>. E-mail: elaine_rodrigues@sicredi.com.br

³Doutor em Administração. Professor do Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis, Econômicas e da Comunicação e Coordenador de Programa de Pós-Graduação. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Santa Rosa. Rio Grande do Sul. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7011-8552> E-mail: pedrolb@unijui.edu.br

⁴Mestrando em Desenvolvimento Regional, na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Ijuí. Rio Grande do Sul. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5606-0932>. E-mail: cleitonjardelc@gmail.com

metodologias e ações adequada ao público desta faixa de idade. Em resultado indicativo de futuro, confirmando a cooperativa como estratégia e mecanismo de atuação presente para os jovens.

Palavras-chave: Cooperativa. Comunidade. Jovens cooperativistas. Novos associados.

ABSTRACT

The present study deals with the prospects for the cooperatives to work and their challenging relationships with young people. The objective of this study was to understand cooperation, with the possibility of the presence of young people, to contribute to new configurations and institutional arrangements in a credit cooperative, in the region in the Northwest Region, in the state of Rio Grande do Sul. expectation, the study relies on applied research, with qualitative and quantitative, exploratory and descriptive approaches. It means, that the study, presents a scientific investigation based on field research with young people from 19 to 30 years old, whose results, present the credit cooperative, as being an environment to attract new members. This result comes in large part from the practices carried out by the cooperative, the good service, the benefits provided. The study indicates the importance of enhancing the membership, the transparency of activities, democratic and participative management, cooperative education initiatives aimed at people of different age groups and their involvement with the community. The highlight in the perception of young people, to projects developed in schools through the União Faz a Vida Program. It adds the study indicating the possibilities and positive perspectives of cooperativism, from the perspective of young people, as it develops activities directed with methodologies and actions appropriate to the public of this age group. As a result of the future, confirming the cooperative as a strategy and mechanism of action present for young people.

Keywords: Cooperative. Community. Young cooperatives. New members.

RESUMEN

El presente estudio trata sobre las perspectivas de trabajo de las cooperativas y sus desafiantes relaciones con los jóvenes. El objetivo de este estudio fue comprender la cooperación, con la posibilidad de la presencia de jóvenes, para contribuir a nuevas configuraciones y arreglos institucionales en una cooperativa de crédito, en la región de la Región Noroeste, en el estado de Rio Grande do Sul. expectativa, el estudio se apoya en la investigación aplicada, con enfoques cualitativos y cuantitativos, exploratorios y descriptivos. Significa, que el estudio, presenta una investigación científica basada en una investigación de campo con jóvenes de 19 a 30 años, cuyos resultados, presentan a la cooperativa de crédito, como un ambiente de atracción de nuevos socios. Este resultado proviene, en buena parte, de las prácticas que realiza la cooperativa, el buen servicio, los beneficios que brinda. El estudio señala la importancia de potenciar la membresía, la transparencia de las actividades, la gestión democrática y participativa, las iniciativas de educación cooperativa dirigidas a personas de diferentes grupos de edad y su involucramiento con la comunidad. Lo más destacado en la percepción de los jóvenes, a los proyectos desarrollados en las escuelas a través del Programa União Faz a Vida. Agrega el estudio indicando las posibilidades y perspectivas positivas del cooperativismo,

desde la perspectiva de los jóvenes, ya que desarrolla actividades dirigidas con metodologías y acciones adecuadas al público de este grupo de edad. Como resultado del futuro, se reafirma en la cooperativa como estrategia y mecanismo de acción presente para los jóvenes.

Palabras clave: Cooperativa. Comunidad. Cooperativas jóvenes. Nuevos miembros.

Como citar este artigo: THESING, Nelson José *et al.* Estudo sobre as percepções dos jovens na perspectiva da sua atuação no cooperativismo. **DRd - Desenvolvimento Regional em debate**, v. 12, ed. esp. 2 (Dossiê Cooperativismo), p. 217-237, 27 maio 2022. DOI: [https://doi.org/10.24302/drd.v12ied.esp.2\(DossieCooperativismo\).3702](https://doi.org/10.24302/drd.v12ied.esp.2(DossieCooperativismo).3702)

Artigo recebido em: 28/04/2021

Artigo aprovado em: 02/05/2022

Artigo publicado em: 27/05/2022

1 INTRODUÇÃO

A sociedade vive em um movimento de grandes mudanças, de incertezas, onde os mapas cognitivos coletivos passam por enormes desafios, seja, no campo dos valores e crenças, na forma de pensar e agir, o que oportuniza um campo fértil para pesquisas. Assim, tem-se presente que o mundo da cooperação, apresenta, por um lado, uma sociedade que busca a cooperação, de outro, um ambiente de alta competitividade, em escala global, que semeia egoísmo, ódio, violência, concentração de renda. Desta forma, o cooperativismo, necessita buscar novas formas de organização do trabalho.

Portanto, esse processo de reorganização do trabalho, fez com que as sociedades cooperativas, não diferente de outras sociedades mercantis, passem a trilhar novos caminhos, novas formas de operar na cooperativa, onde o quadro associativo e funcional converge para gerar menos temores e frustrações, mais confiança no ambiente de cooperação, tendo uma atenção especial para com os princípios democráticos, a conquista de uma melhor distribuição de renda, nas estruturas de trabalho.

Atualmente, a sociedade apresenta cada vez mais, a concorrência, a concentração de renda, uma época de desencontro, entre os percursos pessoais e coletivos, que operam em um sentimento de exclusão, na fragilidade da construção de uma sociedade sustentável. Esse caminhar, apresenta uma reduzida participação dos jovens, pouca vivência no mundo da cooperação, o que poderá influenciar no processo da perenidade dos empreendimentos cooperativados. Problemática esta que motiva a estudar e entender melhor a inserção do jovem no ambiente cooperativo. Em estudo anterior de Zamin e Büttendebender (2018), são abordados fatores estimuladores e inibidores da participação de jovens em cooperativas. Também o estudo de Souza, Büttendebender e Freitas (2019), quando estudam o Programa Jovem Aprendiz Cooperativo do Campo, abordando a sua importância e contribuições para a formação de jovens cooperados e o futuro do cooperativismo.

No entender de Rossi (2005), em 1844, na cidade de Manchester, na Inglaterra, vinte e oito tecelões fundaram a Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale, com participação igualitária e democrática. Para Santos (2002), o cooperativismo se afirmou como um

mecanismo de organização, com inclusão dos trabalhadores. Assim, a conquista de uma visão de futuro, necessita integrar os jovens, para que passem a acreditar neles, para que produzam um sentimento de controle de suas vidas e transformem a cooperação em uma bússola para orientar suas ações, para avançar em direção ao mundo desejado.

Ao pensar um mundo sem esperanças, as pessoas se voltam a um passado idealizado, onde por vezes, a ignorância poderá ser promovida. Ou seja, a valorização do individualismo, do egoísmo, tão somente a competitividade, deixando de valorizar o espírito coletivo, onde as cooperativas podem contribuir como um importante papel econômico e social, em suas comunidades e respectivas regiões, como são geradoras de oportunidades de trabalho e renda, viabilizando as pessoas, os micro e pequenos empreendimentos agropecuários, industriais e de serviços.

Neste sentido é que surgem e se mantêm as cooperativas de crédito, como alternativa de fomento no desenvolvimento local, tendo como objetivo prestar assistência creditícia, bem como a prestação de serviços de natureza bancária a seus associados com condições mais favoráveis, do que as organizações mercantis de crédito. Assim, o Sicredi atua nas comunidades com o intuito de ser reconhecido como uma instituição financeira cooperativada, na busca da sustentabilidade do quadro associativo e da comunidade onde está inserida.

No entanto, em um mundo de alta competitividade, com complexas relações, de complementaridade e de conflito, a cooperação exige periodicamente a renovação dos arranjos institucionais, a busca da coesão e da sociabilidade, onde o movimento cooperativista pode assegurar uma certa unidade social. Onde podem prevalecer soluções virtuosas, que sustentam novos patamares civilizatórios de convivência pacífica e melhoria da qualidade de vida.

Assim, a presente pesquisa tem por objetivo entender a cooperação, com a possibilidade da presença dos jovens, para contribuir em novas configurações e arranjos institucionais, entre eles o Sistema de Crédito Cooperativo (Sicredi). Portanto, o presente estudo poderá ser importante para as cooperativas, na medida em que busca a compreensão, da presença dos jovens em cooperativas, o que certamente amplia a possibilidade da perenidade nas cooperativas. Embora, que é sempre elucidativo, olhar a dinâmica social, sem ter a pretensão de prever o futuro. O porvir se joga em várias conexões interligados, seja, da vida individual, familiar, coletiva, econômico, político, cultural, nacional e global.

Por fim, registra-se que o estudo está estruturado, em uma dimensão Introdutória, seguida do Referencial Teórico, dos Procedimentos Metodológicos, Análise e Discussão dos Resultados e as Considerações Finais

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 HISTÓRIA DO COOPERATIVISMO MUNDIAL

A busca de uma sociedade mais cooperativa, encontra espaço nos estudos Hobsbawm (2017), ao apontar um movimento que vai contra o individualismo, contra a competitividade, por uma prática, que poderá gerar uma consciência econômica, de resistência, frente ao

agressivo mercado. Assim, se estabelecem orientações que podem contribuir, em novos processos de cooperação, em uma nova sociedade, que se preocupa com uma melhor distribuição de renda.

Portanto, em uma sociedade de grandes transformações, que apresenta conflitos socioeconômicos, associados à desigual distribuição de rendas, se expressa uma luta de valores e de identidades coletivas, ao ter o mercado como o principal, senão único, mecanismo responsável pela distribuição da riqueza e um Estado que apresenta fragilidade nas políticas públicas, na intervenção e regulação do mercado, possibilita que o cooperativismo se apresenta como um dos caminhos e alternativas, na busca de uma sociedade sustentável.

Significa, conquistar à predisposição para novas formas de organização, novas formas de relacionamento entre pessoa, porém, a cooperação sempre se fez presente no convívio social. Foi assim, em 1844, em Rochdale na Inglaterra, ao ser criada a Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale. Esse processo elaborou os Estatutos e Princípios Doutrinários e Filosóficos. Liderado por 28 tecelões, fortalecidos pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI), desde sua fundação em 1895, para continuar na obra dos Pioneiros de Rochdale (PINHO, 2003).

No entender de Klaes e Saln (1997), o movimento cooperativista, conta com os Princípios do Cooperativismo, que desde 1844, que são basilares nas cooperativas, tendo um destaque especial, o quinto princípio a Educação, Formação e Informação, como um processo permanente de desenvolvimento integral dos cooperados. Para Schneider e Henges (2006) o movimento cooperativista exige uma autodisciplina coletiva, na busca de um crescimento intelectual do homem e da mulher em todos os níveis, seja, moral, social, cultural, para que o sócio seja educado para com o processo de cooperação no empreendimento cooperativista.

Para Seibel (2003) o movimento operário pressionado pelas transformações sociais, produziu instabilidade social, aumentou a miséria, a exploração da mão de obra, gerando enormes desigualdades, mas fez emergir a cooperação. Essa experiência cooperativista, enriquece os estudos de Pinho (1988), e que o leva a afirmar, a experiência na Inglaterra influenciou a organização de cooperativas de trabalho na França e as de crédito na Alemanha. Mais tarde, essas experiências foram difundidas pelo mundo inteiro, e, atualmente, as cooperativas são reconhecidas legalmente como uma forma de organização em nível mundial. Assim, para Bialoskorski Neto, Barroso e Rezende (2012) o movimento cooperativista necessita de mais estudos que se dediquem a compreensão do nível de participação dos associados, no processo de sustentabilidade das cooperativas.

Merece registro que na região basca da Espanha, a Mondragón Corporación Cooperativa (MCC) é o 7º grupo econômico no país; na Suécia, o cooperativismo possui a maior refinaria de petróleo do país; na Itália, as cooperativas operárias de diversos setores conquistaram um robusto ambiente de trabalho, um mecanismo de ação eficaz na luta pela geração do trabalho e renda; no Canadá, em cada três habitantes, um é sócio em uma cooperativa de crédito; em vários países africanos, são as cooperativas agrícolas que respondem pela produção agropecuária.

Portanto, o cooperativismo, segundo a Aliança Cooperativa Internacional (2017), está presente em mais de uma centena de países, conta com mais de um bilhão de associados e o número total destes associados representa três vezes mais do que o número de acionistas das empresas mercantis. É regulado por legislação específica de cada país e por princípios cooperativistas que são comuns para todas as nações.

2.2 HISTÓRIA DO COOPERATIVISMO NO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL

A participação das cooperativas é marcante na história do país. Seu fortalecimento se dá com o cooperativismo empresarial, tendo sua liderança na Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), em conjunto com a Confederação Nacional das Cooperativas (CNCOOP), com as Organizações Estaduais do Cooperativismo, com o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP), que contava com 13 Ramos Cooperativistas: agropecuário, consumo, crédito, educacional, especial, habitacional, infraestrutura, mineral, produção, saúde, trabalho, turismo e lazer e transporte.

Porém, a partir de 2020, o cooperativismo passou para sete ramos (agropecuário, crédito, consumo, infraestrutura, trabalho produção de bens e serviços, saúde e transporte. A justificativa apresentada pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB, 2020), encontra eco nas diretrizes da modernização do Sistema, na aproximação da realidade das cooperativas, para gerar cada vez mais impactos positivos, tanto para as pessoas, como nas atividades das cooperativas.

As sociedades cooperativas brasileiras, para Perius (2001), apresentam em seu ordenamento jurídico, uma divisão em três fases: a primeira, considerada fase de constituição, prevaleceu no período de 1903 a 1938; a segunda, denominada fase intervencionista, caracterizada pela absoluta tutela do Estado, predominou entre os anos de 1938 a 1988 e a terceira fase, conhecida como autogestionária teve início com a promulgação da Constituição Federal de 1988.

No entender de Pará (2010), o sistema cooperativista no Brasil tem seus pilares na Lei 5.764/71, que orienta o funcionamento das cooperativas, auxilia na Política Nacional Cooperativista Brasileira. Ainda, o cooperativismo encontra espaço na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 74, § 2º, ao estimular o sistema cooperativista, como sendo uma forma eficaz de redução do desemprego e geração de renda.

No Rio Grande do Sul, a experiência cooperativista foi trazida pelo Padre Theodor Amstad, em 1902, ao efetivar um modelo alemão de cooperativismo, constituindo cooperativas de crédito, aplicado às pequenas comunidades rurais, com base na honestidade e na participação dos associados. A participação efetiva na tomada de decisão, em reuniões, assembleias, para a conquista de um empreendimento cooperativado, para conseqüentemente, atingir a função social através geração derenda e prestação de serviço para o quadro associativo (BIALOSKORSKI NETO, 2004).

Assim, entende-se que o cooperativismo poderá ser um caminho, na busca de um desenvolvimento sustentável, uma atitude ética, uma percepção de conjunto, onde “ser humano é viver e atuar em conjunto” para Thesing (2015, p.97). Ainda, o autor fortalece a ideia do esforço coletivo, que alimenta a marca de humano, onde o processo de cooperação oportuniza a possibilidade de somar em cada homem e em cada mulher, a vontade de partilha, que pode ser conquistado pela aprendizagem, na conquista por melhores dias, para homens e mulheres, em todos os lugares e processos concretos da vida. Para Frantz (2002, p.61), “ainda por mais distante que o percebamos, vemos no cooperativismo uma possibilidade de poder contribuir com uma nova oportunidade à vida futura em nosso planeta

Por outro lado, o empreendimento cooperativo, para Pivoto (2015), necessita contar com orientações, que estabelecem um diálogo entre o quadro associativo e a empresa

cooperativa, que devem seguir as orientações dos Princípios Cooperativistas, a distribuição das sobras no final do exercício, o que as diferencia das sociedades cooperativadas das sociedades mercantis.

2.3 HISTÓRIA DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO NO RIO GRANDE DO SUL

A Sociedade Cooperativa de Economia e Empréstimos de Nova Petrópolis, em outros períodos da história, conhecida como *Sparkasse Amstad* ou *Caixa de Economia e Empréstimo Amstad*, fundada por imigrantes alemães, em 19 de outubro de 1902, na localidade de Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul. Assim, a formação da caixa rural, foi liderado pelo padre Amstad, significa que o cooperativismo, teve forte influência da matriz cristã de dos imigrantes, mediante adaptações de concepções associativas.

Gertz (2008) destaca que o Brasil, recebeu imigrantes, especialmente o Rio Grande do Sul, que contou com uma imigração organizada e subsidiada pelo Estado. Cerca de 455 mil imigrantes desembarcaram no país, por volta de 1880, com destino a essas províncias. Esses colonos representaram no ano de 1872, por exemplo, cerca de 3,7 milhões de brancos registrados. Na Argentina, foi registrado, no mesmo período, cerca de 440 mil europeus (KLEIN, 1999).

Para Zarth (2013), a bibliografia sobre a colonização do Sul do Brasil apresenta uma relação entre natureza e sociedade, mas a atenção maior está centrada na questão étnica do imigrante europeu. O autor, dialoga com esse e outros trabalhos, para demonstrar uma nova construção da vida mundo rural do Sul do Brasil. Para Harres (1997), universo dos colonos ficava limitado ao âmbito da picada, onde frequentavam a venda e o serviço religioso aos domingos. Isso aconteceu especialmente nas áreas de povoamento mais antigo, em regiões montanhosas sujeitos ao rápido esgotamento do solo e, conseqüentemente, à diminuição do rendimento das colheitas.

Assim, a vida comunitária se resumia nas atividades agrícolas e na vida em comunidade. Na colônia de Nova Petrópolis, também era essa a vida dos colonos, onde a religião, é um elemento que nos chama atenção, que desde o início, aprendeu a conviver com duas manifestações de fé: o catolicismo e o protestantismo, lado a lado, inclusive, na criação da caixa rural.

Para Pereira (2012) as caixas rurais, são cooperativas que se constituíram como espaço de poder local, articuladas pelas necessidades da ordem social, na busca do desenvolvimento econômico, em um contexto de livre mercado. O que moveu os habitantes na colônia de Nova Petrópolis foi a necessidade, por que o cooperativismo é um movimento da sociedade civil, ou seja, não estatal, que busca organizar as demandas de cidadãos.

Portanto, as caixas rurais se apresentam como práticas socioculturais, com forte influência religiosa, para fomentar a vida dos colonos. No entanto, é importante lembrar que a ideia de Friedrich Raiffeisen partiu da ideologia protestante. No Rio Grande do Sul, essa base cristã do movimento esteve norteadada pelo catolicismo, sobretudo, pelo catolicismo restaurador dos jesuítas.

Nova Petrópolis, é aceito como o primeiro núcleo associativo e de assistência econômica da região de colonização, onde na aprovação do Estatuto da Caixa Rural, contou com forte influência dos agricultores que se reuniram na casa de Nicolau Kiel, no dia 28 de dezembro de 1902, na localidade da Linha Imperial, como data oficial, sendo a Ata redigida em alemão por Theodor Amstad.

2.4 HISTÓRICO DO COOPERATIVISMO DE NOROESTE RIO GRANDE DO SUL

As origens do cooperativismo na região Noroeste do Rio Grande do Sul se enraízam com a história da própria região. As primeiras experiências cooperativas na região, também reconhecida como a histórica região missioneira, jesuítica-guarani, o cooperativismo evidencia sua presença através da organização econômica e social das estruturas das reduções jesuíticas (PERIUS, 2020). Perius (2020) faz amplo resgate e fundamentação sobre as origens do cooperativismo, sustentado em farta documentação e acervo de registros e publicações sobre a organização das Reduções Misionais abrangendo países do Brasil, Argentina e Paraguai.

Já o surgimento do cooperativismo, sustentado nos fundamentos do cooperativismo europeu, estão fortemente vinculados aos processos de colonização da região do final do século XIX e início do século XX, com o assentamento imigrantes europeus, em especial alemães, italianos, poloneses e outros (BÜTENBENDER, 2010). As práticas cooperativas se constituíam em forma natural de organização e de atuação comunitária e coletiva dos imigrantes. A organização comunitária que gerou a estruturação das igrejas, escolas e ambientes sociais, e de guarda para a organização das primeiras cooperativas, sendo elas de crédito, de comercialização ou outras, como destaca Büttenbender (2010).

A cooperativa de crédito, referência deste estudo, possui uma importante história de relacionamento com a comunidade, tendo seus registros efetivados desde 5 de maio de 1946, com sede administrativa no município de Três de Maio. Em 1946 sua história iniciou na então comunidade e hoje município de Crissiumal, com grupo de pessoas preocupadas com o desenvolvimento regional. Detentores de um espírito visionário e inspirados pelo padre jesuíta Theodor Amstad, este grupo criou uma cooperativa de crédito Caixa Popular Raiffeisen, mais tarde denominada Credicris.

Em 1952, outro grupo de visionários, com semelhantes preocupações fundaram a Caixa Rural de Horizontina, mais tarde denominada Coopercreal. Em 1981, líderes empreendedores de Três de Maio e Independência reuniram-se e criaram a Credimaio. Em 1995, no dia primeiro de julho, por decisão soberana dos associados ocorreu a incorporação da Coopercreal de Horizontina à Credimaio de Três de Maio. Em 1996, no mês de maio, as Diretorias e os Conselheiros da Credicris e Credimaio reuniram-se no município de Boa Vista do Buricá e decidiram pela fusão das duas cooperativas, que passou a denominar-se Sicredi Noroeste.

Estes movimentos de incorporação e fusão surgiram da necessidade de sobrevivência e de estabelecer estratégias regionais de fortalecimento em meio a situação econômica do país. Em 16 de junho de 2004 a Sicredi Noroeste RS, amparada pela Resolução do Banco Central nº3.106 de 25/06/2003, procedeu alteração de sua natureza jurídica para Cooperativa de Livre Admissão de associados e passou a atuar com um público mais amplo no meio urbano como instituição da comunidade. Na comemoração dos 65 anos em 2011, foi realizado um reconhecimento aos sócios fundadores, com entrega de placas personalizadas, individuais e

fixação de placa com os nomes dos fundadores nas agências. Em 2016, foi a inauguração da primeira agência no Brasil com a nova marca Sicredi e do Memorial Sicredi Noroeste RS em Crissiumal, na data do aniversário de 70 anos da fundação. Em 2017, foi alterada a Razão Social para Cooperativa de Crédito, Poupança e Investimento Noroeste RS.

2.5 PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO VOLTADOS AOS JOVENS

A cooperativa de crédito, objeto de estudo, opera Programas voltados para os jovens, entre eles, o Programa União Faz a Vida, que é uma iniciativa desenvolvida pela Fundação Sicredi. É o principal Programa de Educação da cooperativa, objetiva construir e vivenciar atitudes e valores de cooperação e cidadania. Esse Programa conta com a presença em 05 escolas, em 03 municípios, com 1.117 educandos, sob a orientação de 02 assessores pedagógicos.

Registra-se que o programa União Faz a Vida, estimula a criação de Cooperativas Escolares, que são constituídas pela união voluntária de estudantes, que realizam atividades sociais, econômicas ou culturais, em benefício dos sócios. Esse processo conta com a formação de lideranças, apresentando como linha orientadora os Princípios do cooperativismo.

Corroborando com o processo de formação das cooperativas dos estudantes, uma proposta mediada pela orientação pedagógica, sustentada por duas professoras, com apoio do Sicredi e da Secretarias de Educação do município. Em uma direção semelhante, opera o Programa Cultivando Futuro, parceria do Sicredi com a Sociedade Educacional Três de Maio (Setrem), que realiza Oficinas, tendo como centralidade a valorização da agricultura regional. Esse programa conta com apoio da administração municipal de Três de Maio, com aporte no transporte para os estudantes. Atualmente, contempla 10 escolas, com 134 educandos e 10 municípios. Semelhante trabalho é realizado na educação financeira, que auxilia os jovens ou demais associados a lidar com suas finanças.

2.6 BANCO DIGITAL

As pessoas buscam cada vez mais, caminhos com inovações tecnológicas, especialmente por contarem com profundas mudanças socioeconômicas, por buscarem uma vida mais confortável, mesmo em uma sociedade com elevado grau de urbanização. Para Schonberger e Knod, Júnior (1997), todas as pessoas são ou já foram clientes por um momento, com necessidades e expectativas que devem ser satisfeitas.

Em bancos, consultórios médicos, empresas prestadoras de serviços, os encontros face a face e a troca de ideias em tempo real normalmente resultam em um relacionamento mais satisfatório sendo que a indagação “posso lhe ajudar?”. Esse olhar remete a uma relação mais estreita para a satisfação do “cliente”. Mas, em um período de pandemia, que a sociedade está submetida, exige novas formas nas relações de trabalho, especialmente na área financeira.

Segunda Forbs (2020), em um artigo sobre “Os melhores bancos do mundo: Nubank é o primeiro entre os dez mais do Brasil” uma nova realidade se apresenta para os atores mais importantes do setor bancário, a Citigroup, onde os recursos bancários são os digitais

inovadores, fundamentais em um negócio em que os produtos financeiros básicos se tornam comoditizados. Esse processo permite taxas de juros muito baixas. Significa, benefícios para os consumidores, ao poderem contar com seus equipamentos tecnológicos para conduzir suas atividades financeiras, com segurança.

Portanto, os avanços tecnológicos, passam a ser demandas crescentes, especialmente em função da pandemia de Coronavírus, que forçou países em todo o mundo a anunciar quarentenas para combater a propagação do vírus. Incapazes de visitar agências bancárias, os consumidores recorreram a aplicativos móveis e serviços online para realizar transações, pois, os clientes em quarentena necessitam contar com ferramentas digitais, para evitar contato humano. Esse entendimento é reforçado por Jane Fraser, presidente do Citigroup ao ponderar que o setor bancário mudou irrevogavelmente como resultado da pandemia.

3 METODOLOGIA

A pesquisa é um procedimento racional e sistemático que tem por objetivo apresentar respostas aos problemas que são propostos e faz-se necessária quando não se dispõe de informações suficientes para responder ao problema (GIL, 2002). Assim, a pesquisa se classifica, quanto à natureza, como aplicada, apoiada nos ensinamentos de Zamberlan *et al.* (2014), para gerar conhecimentos, no campo do cooperativismo.

Quanto à abordagem, a investigação conta com a metodologia, qualitativa e quantitativa. A pesquisa qualitativa, objetiva um conjunto de técnicas interpretativas que procuram descrever, decodificar, traduzir e apreender o significado de certos fenômenos. O objetivo da pesquisa qualitativa é fornecer uma descrição detalhada de fatos, situações e interações entre pessoas e coisas, fornecendo profundidade e detalhe (COOPER; SCHINDLER, 2011). A pesquisa qualitativa "não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social" (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.31).

O estudo trabalha com abordagem quantitativa que permite entender o comportamento, os valores, bem como a interpretação os dados coletados (MALHOTRA, 2001). Essa caminhada conta com a pesquisa, sustentada por um questionário semiestruturado, com 15 perguntas.

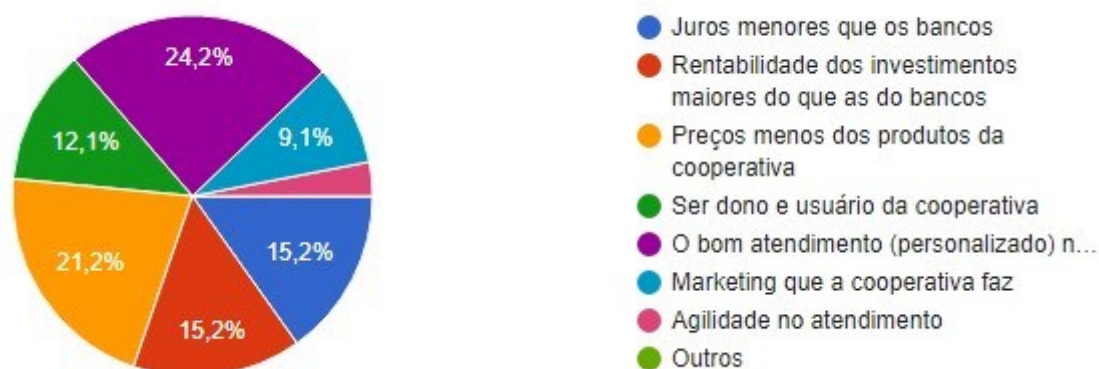
Para análise formal dos resultados da pesquisa, o estudo conta com as orientações de Veronese e Guareschi (2006), que buscam fazer a interpretação do movimento cooperativista, bem como com a análise de conteúdo, de Bardin (2011, p. 38), onde “a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não) ”.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca dos resultados contou com a pesquisa semiestruturada, realizada pelo meio eletrônico, com questões objetivas e subjetivas, que permitiram aos respondentes apontarem questões que lhe sejam pertinentes, frente a temática investigada. Assim, a primeira questão se refere as práticas desenvolvidas pela cooperativa para atrair novos sócios. Destaca-se em 25,8%

dos entrevistados, enfatizam o bom atendimento (personalizado), como de maior importância, em segundo lugar apontaram com 19,4%, os preços menores nos produtos e serviço. Significa, que o atendimento passa a ser o indicativo com maior pertinência para a busca do cooperativismo. Assim, tem-se presente em um período pandemia, onde a tendência é o uso das tecnologias digitais, esse indicativo poderá ser alterado, na medida em que os serviços bancários passam a ser tratados de forma semelhante. Certamente, os preços dos produtos, entre outras variáveis poderá ser alterado, onde o marketing cooperativo certamente será desafiado para novas campanhas publicitárias.

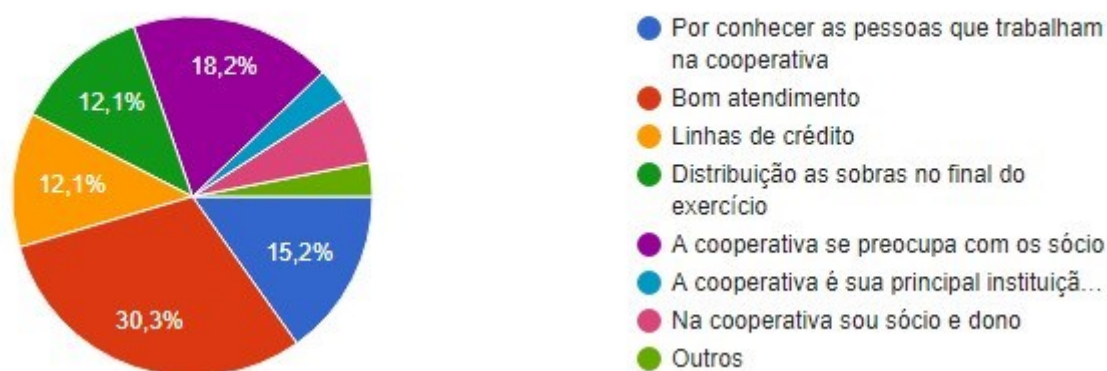
Figura 1 – Práticas desenvolvidas pela cooperativa para atrair novos sócios



Fonte: Elaborada pelos autores com base na pesquisa

A figura 02, identifica diferenças entre uma cooperativa de crédito e um banco comercial. Destaca-se as diferenças entre uma Cooperativa de Crédito em Banco Comercial, com percentual de 29% o bom atendimento, em segundo lugar com 19,4% pela preocupação com o sócio. Assim, merece certa cautela, com a possibilidade, em futuras pesquisa, ao verificar o cenário antes, durante e depois da pandemia. Certamente, o mundo creditício, passará por mudança, como a própria sociedade.

Figura 2 – Diferenças entre uma cooperativa de crédito e um banco comercial

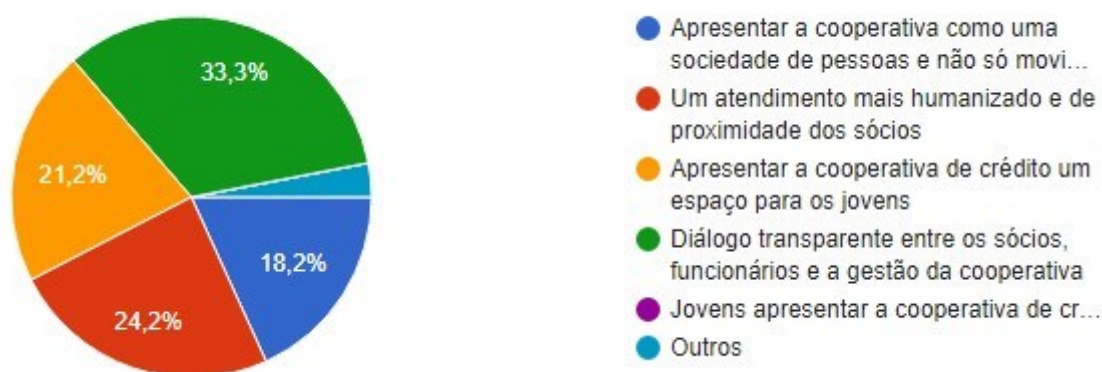


Fonte: Elaborada pelos autores com base na pesquisa

A figura 03, apresenta quais são os principais desafios para atrair novos sócios, especialmente os jovens, na cooperativa de crédito. De certa forma, torna-se um desafio ter clareza quanto as respostas. Apresenta em um percentual de 29%, o diálogo transparente entre os sócios, funcionários e a gestão da cooperativa e com 25,8% o atendimento mais humanizado, bem como a proximidade dos sócios.

É aceitável, que nas regiões de atuação do Sicredi, possamos encontrar jovens, com inclinação para o cooperativismo, na medida em que os Programas desenvolvidos pela cooperativa, como a União Faz a Vida, o Programa Cultivando Futuro, contribuem no processo de conscientização cooperativista. Um caminhar que busca mudança, ao substituir o espírito individualista, pela da cooperação, em um movimento que de acordo com Hobsbawm (2017), contempla a solidariedade, a cooperação. Um movimento que vai contra o individualismo, egoísmo e a competitividade que só olha para a concentração da renda, do lucro máximo. Assim, a defesa por uma sociedade mais cooperativa, poderá gerar consciências, para um novo olhar de solidariedade, para o associativismo.

Figura 3 – Principais desafios para atrair novos sócios, especialmente os jovens, na cooperativa de crédito



Fonte: Elaborada pelos autores com base na pesquisa

A figura 04, investiga se os jovens gostam de desafio, bem como, se o cooperativismo apresenta esse cenário. As respostas da pesquisa apontam que os jovens, pela sua natureza buscam inovações, transformações, mudanças, que de certa forma as percebem, presentes em maior proporção no cooperativismo, em um percentual de 32,3%, indicando esse potencial presente no cooperativismo, em detrimento de bancos comerciais, e vinte 29% acredita que a cooperativa se apresenta como um caminho para da comunidade.

Figura 4 – Os jovens gostam de desafio, bem como, se o cooperativismo apresenta esse cenário



Fonte: Elaborada pelos autores com base na pesquisa

A figura 05, verifica se o cooperativismo poderá atrair os jovens para seu quadro associativo, especialmente na cooperativa de crédito. As respostas indicam que fica visível, os jovens estão atentos aos custos, em um percentual de 25,8% dos respondentes consideram as tarifas menores, na cooperativa, e 25,8% apontam a possibilidade de uma vaga de trabalho; 19,4% por apresentar sobras no final do exercício, 19,4% pela taxa de juros menores que os bancos. Significa, que os resultados obtidos, estão em percentual muito próximo, uns dos outros, somente estando em porção menos, com 9,7%, apresentar a cooperativa como uma sociedade de pessoas e não só movimento financeiro. Portanto, o olhar dos jovens, está mais identificado com as atividades de prestação de serviços e retorno, do que a centralidade da diferença entre uma sociedade cooperativa e uma sociedade mercantil. Esse resultado está presente na figura 02, quando os respondentes afirmaram que a diferença entre uma cooperativa de crédito em banco comercial, reside no bom atendimento, em um percentual de 29%.

Figura 5 – O cooperativismo poderá atrair os jovens para seu quadro associativo, especialmente na cooperativa de crédito



Fonte: Elaborada pelos autores com base na pesquisa

A figura 06, apresenta que tipo de organização o jovem gostaria de fazer parte.

Figura 6 – Que tipo de organização o jovem gostaria de fazer parte



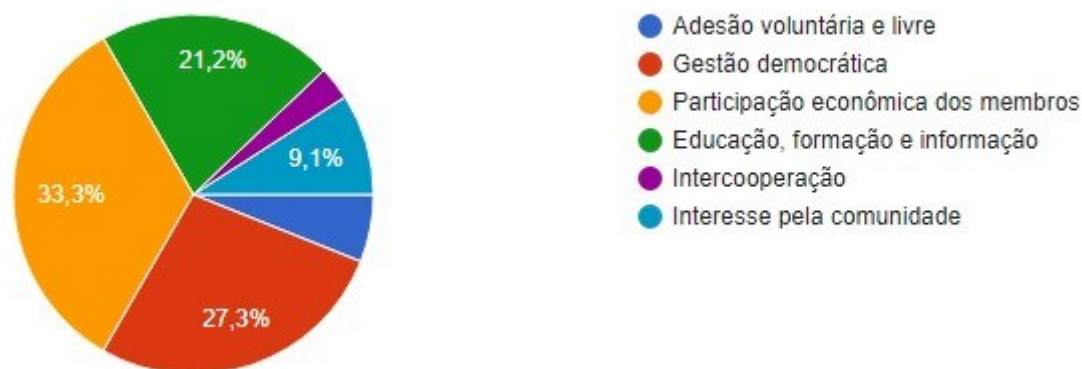
Fonte: Elaborada epelos autores com base na pesquisa

As respostas, configuradas na figura 06, apresentam em um percentual de 35,5%, o ambiente cooperativismo, como um espaço de trabalharem, com um percentual de 29% como um ambiente onde as pessoas são mais importantes que o dinheiro, com 19,4%, os jovens estarem presente e assim apresentar a organização, enquanto ambiente, com diferencias, em relação com bancos comerciais

A figura 07, apresenta quais os princípios que os jovens consideram mais importante na cooperativa. Indicam um diálogo mais estreito com o cooperativismo, ao contemplar os Princípios do cooperativismo. Em um percentual de 35,5%, apresentam o Princípio de Participação Econômica dos Membros, com percentual de 29% a questão o Princípio da Gestão Democrática, com 19,4% o princípio da Educação, Formação e Informação.

Portanto, a compreensão dos Princípios do cooperativismo, nas orientações de Klaes e Saln (1997), é uma necessidade, um olhar indispensável no movimento cooperativista, desde 1844, como basilar nas cooperativas, a conhecida “regra de ouro” o Quinto Princípio a Educação, Formação e Informação, como um processo permanente de formação do quadro associativo.

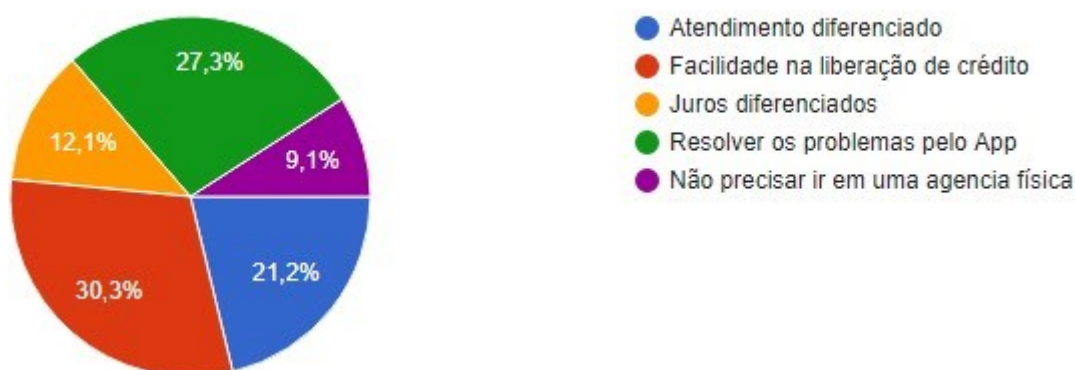
Figura 7 – Quais os princípios que os jovens consideram mais importante na cooperativa



Fonte: Elaborada pelos autores com base na pesquisa

A figura 08 verifica: o que os jovens mais gostam em uma organização cooperativista. Em um percentual de 29%, a facilidade na liberação de crédito, com 25,8% por resolver problemas via App, e 22,6% atendimento diferenciado. Esses resultados, indicam a familiaridade com os serviços prestados pela cooperativa e seus olhares para com o empreendimento cooperativo.

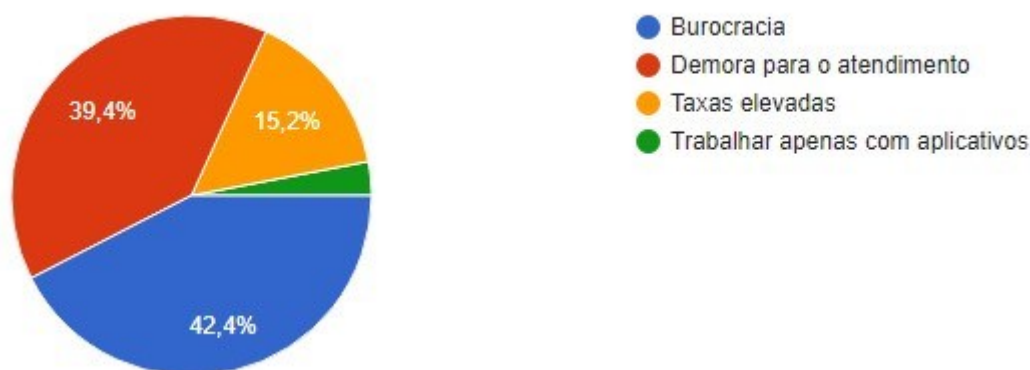
Figura 8 - O que os jovens mais gostam em uma organização cooperativista



Fonte: Elaborada pelos autores com base na pesquisa

A figura 9 aponta o que os jovens não gostam de encontrar em uma organização, em um percentual de 41,9% não gostam da burocracia; com 41,9% a demora no atendimento; com 12,9% as taxas elevadas. Significa, que os jovens, de certa forma gostam da agilidade, do bom atendimento, custo menores, aos dos praticados pelos bancos comerciais.

Figura 9 – O que os jovens não gostam de encontrar em uma organização



Fonte: Elaborada pelos autores com base na pesquisa

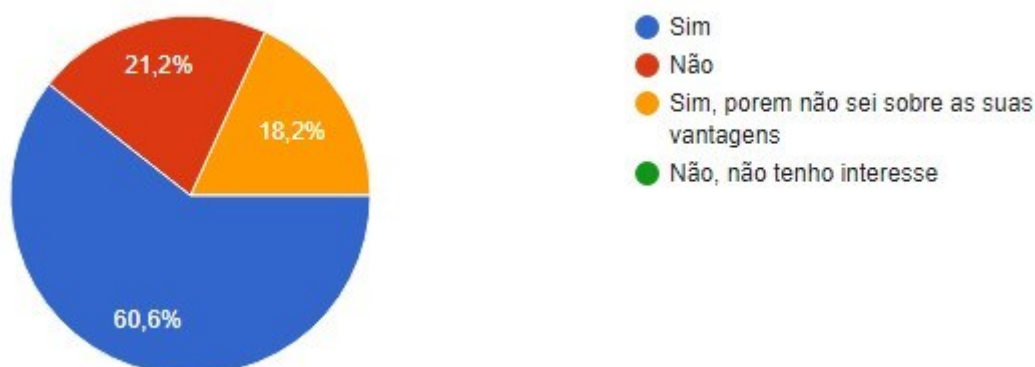
A décima questão verifica a presença do sexo masculino e feminino, no cooperativismo. As repostas dos entrevistados, em um percentual de 83,9% são do sexo masculino, com 16,1% do sexo feminino. Um resultado que merece maiores investigações. Há um diferencial muito elevado. Poderia ser ainda, um processo histórico das cooperativas, que cultivavam o homem, enquanto associado. Porém, na atualidade, é de certa forma, um resultado que manifesta inquietações, pela pouca presença das mulheres no cooperativismo.

Portanto, um desafio que o cooperativismo necessita superar, para a conquista de uma sociedade cooperativista. No entender Thesing (2015, p.97) “ser humano é viver e atuar em conjunto”. Ainda, para o autor, esse processo fortalece a ideia do esforço coletivo, com espaço igualitário entre homens e mulheres, uma oportunidade de somar em cada homem e em cada mulher, a vontade de partilha, que pode ser conquistado pela aprendizagem, tendo por base os Princípios do cooperativismo.

A figura 10 verifica se os jovens conhecem uma cooperativa de crédito? Foi possível identificar em um percentual de 58,1% indicam interesse em conhecer uma cooperativa de crédito, com um percentual de 22,6% não tem conhecimento e com 19,4% sim pretendem conhecer, porém não sabe das vantagens, presente em uma cooperativa de crédito. Esses resultados mostram que basicamente a metade dos entrevistados, não conhecem de fato uma cooperativa de crédito. Significa, a necessidade não só de ampliar os Programas que o Sicredi promove, mas uma ampla campanha de marketing, apresentando os benefícios de uma sociedade cooperativa.

Portanto, em uma sociedade, na qual se vive, apresenta a concorrência, a concentração de renda, um percurso que indica, as concepções pessoais e coletivos, trilhando um sentimento de exclusão, uma fragilidade na construção de uma sociedade sustentável.

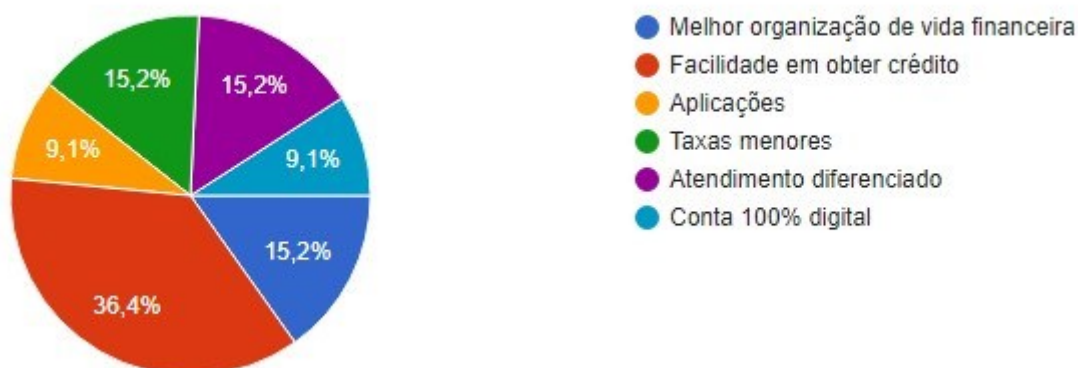
Figura 10 – Os jovens conhecem uma cooperativa de crédito?



Fonte: Elaborada pelos autores com base na pesquisa

A figura 11, apresenta o que levaria os jovens a abrirem uma conta em uma instituição financeira? Em um percentual de 38,7% ao perceberem a facilidade de obter crédito, em seguida com 16,1% melhor organização da vida financeira, outros 12,9% pelas menores taxas.

Figura 11 – O que levaria os jovens a abrirem uma conta em uma instituição financeira?

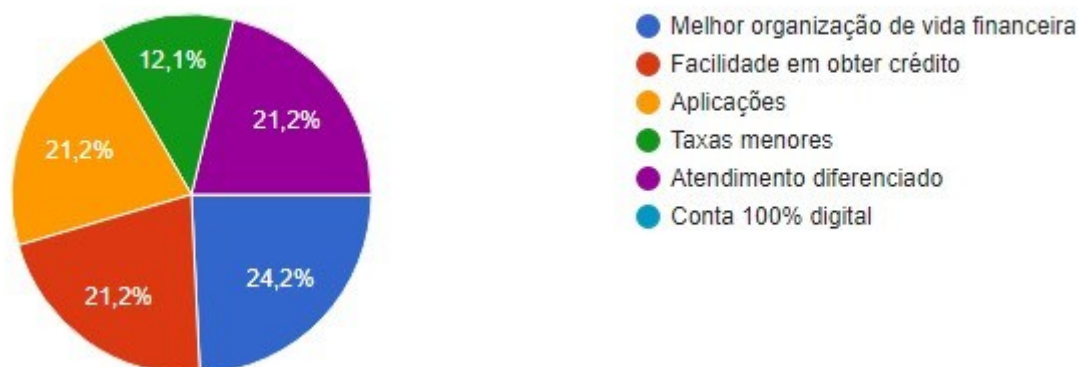


Fonte: Elaborada pelos autores com base na pesquisa

A décima terceira questão, verifica se os jovens têm conta em cooperativa de crédito. Apresenta um percentual 57,6% dos entrevistados já possuem conta em uma cooperativa de crédito, e um percentual de 45,2% ainda não são associados. Esse resultado mostra a oportunidade que o cooperativismo tem para a conquista de novos associados

A figura 12 apresenta porque os jovens possuem conta em cooperativa de crédito. Apresenta como resultado, a presença da conta digital, em sua totalidade, com um percentual de 22,6% em três dimensões – melhor organização de vida financeira, possibilidade de aplicações, atendimento diferenciado.

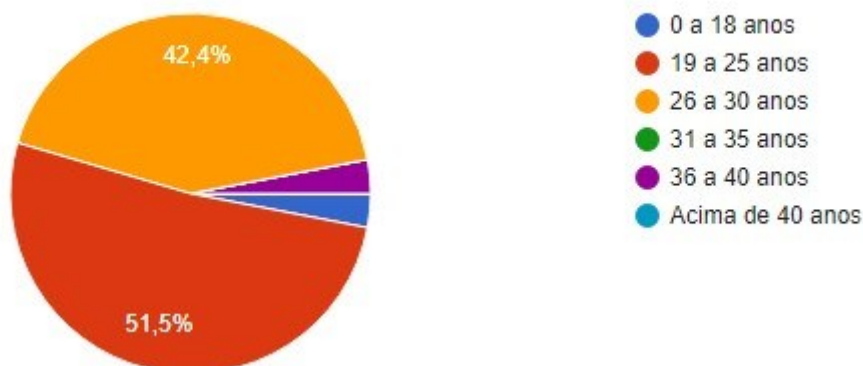
Figura 12 – Porque os jovens possuem conta em cooperativa de crédito



Fonte: Elaborada pelos autores com base na pesquisa

A figura 13, verifica as faixas etárias. Apresenta com resultado da pesquisa: 51,6% tem entre 19 e 25 anos de idade, e um percentual de 41,9% entre 26 e 30 anos, ou seja 93,5% tem entre 19 e 30 anos.

Figura 13 – Faixas etárias



Fonte: Elaborada pelos autores com base na pesquisa

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender melhor a cooperação, com a possibilidade da presença dos jovens, para contribuir em novas configurações e arranjos institucionais em uma cooperativa de crédito, na região na Região Noroeste, no estado do Rio Grande do Sul. Para isto contemplou verificar a relação da cooperativa de crédito com a comunidade, verificações nas produções científicas, legislações e uma pesquisa de campo para responder de como os jovens percebem as práticas de uma cooperativa de crédito. Assim, inicialmente, destaca-se que as práticas cooperativistas fortalecem o ambiente cooperativista, indica à atração de novos sócios. Para além, a pesquisa identificou um conjunto de benefícios, pela prestação de serviços,

pela agilidade no bom atendimento, pela valorização dos sócios, pela gestão democrática, pela presença dos princípios cooperativistas.

Portanto, buscar compreensão do mundo dos jovens, no movimento cooperativista, significa olhar para os vários programas de educação cooperativista, como o Programa União Faz a Vida, que desperta o espírito de cooperação, a solidariedade, o surgimento de novas lideranças. Isso de certa forma, ficou evidenciado, nas entrevistas, quando os jovens identificaram a cooperativa como um bom espaço de trabalho, apontaram a diferença entre a cooperativa e os bancos comerciais, ao indicarem as sobras no final do exercício.

Assim, o estudo indica que há convergência para com a presença de novos sócios em cooperativas, de jovens apontarem seu interesse para o cooperativismo, contribuindo desta forma, para a manutenção e perenidade da cooperativa de crédito. Esse entendimento já presente na literatura e estudos anteriores, tem seu entendimento aprimorado e contundente indicação de prioridade de investimentos na educação cooperativa voltada ao público infantil e jovem e com metodologias adequadas para estes públicos.

Evidencia que existe um espaço estratégico para o avanço do cooperativismo de crédito, mas que está atrelado a adoção de estratégias de atuação do cooperativismo de crédito, e assimetria com os demais ramos do cooperativismo, voltados a participação dos jovens nas atividades cooperativas, com presença crescente inclusive em suas instâncias de liderança e de gestão. Desta forma o cooperativismo pelas suas práticas estará contribuindo de forma crescente com o desenvolvimento econômico e social da região, as suas perspectivas futuras e a própria sustentabilidade.

Portanto conclui-se que cabe as organizações cooperativistas acompanharem as mudanças e tendências mundiais, interagindo pelas ações que atendam da melhor maneira possível as expectativas do quadro associativo, pois se torna mais fácil mantê-los do que conquistar novos sócios, porém sem a presença dos jovens, ameaça a perenidade da cooperativa. Ouvir, surpreender e superar as expectativas dos associados torna-se um movimento essencial para a permanência das organizações no mercado.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BIALOSKORSKI NETO, S.; SOUZA, J. V. P., GARCIA, L. F. Cooperativas de leite no Brasil: estratégias e tendências. *In*: CONSOLI, M. A.; NEVES, M. F. (Orgs). **Estratégias para o leite no Brasil**. São Paulo, Atlas, 2004.

BIALOSKORSKI NETO, S.; BARROSO, M. F. G.; REZENDE, A. J. Governança cooperativa e sistemas de controle gerencial: uma abordagem teórica de custos da agência. **Brazilian Business Review**, v. 9, n. 2, 2012.

BÜTTENBENDER, P.L. **Cooperativismo na Região Noroeste do Rio Grande do Sul: experiências de gestão cooperativa e de promoção do desenvolvimento**. Porto Alegre: SESCOOP/RS, 2010.

FINANCE ONE. Disponível em: <https://financeone.com.br/forbes-elege-nubank-melhor-banco-pais/#:~:text=O%20Nubank%20foi%20eleito%20o,milh%C3%B5es%20de%20usu%C3%A1rios%20este%20ano>. Acesso em: maio 2021.

FRANTZ, W. **Cooperativismo: perspectivas: um lugar de reencontro com a vida**. Ijuí: UNIJUÍ, 2002.

GERTZ, R. E. Brasil e Alemanha: os brasileiros de origem alemã na construção de uma parceria histórica. **Textos de História**, v. 16, n. 2, 2008.

HARRES, M. M. Ocupação e povoamento da Bacia do Rio Camaquã. **Estudos Leopoldenses**. Série História, v. 1, n. 2, 1997.

HOBBSAWM, E. **A era das revoluções, 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

KLAES, L. S.; SALN, J. F. **O estado da arte e a educação cooperativa**. Florianópolis, 1997.

OCB. Cooperativismo: **Tendências e ideias para 2020**. Disponível em [http://www.mundocoop.com.br/gestao/tendencias-e-ideias-para-2020.html#:~:text=O%20cooperativismo%20brasileiro%20est%C3%A1%20confiante,mais%20diversos%](http://www.mundocoop.com.br/gestao/tendencias-e-ideias-para-2020.html#:~:text=O%20cooperativismo%20brasileiro%20est%C3%A1%20confiante,mais%20diversos%20) Acesso em 20 maio 2021.

PAGMUSSATT, A. **Guia do Cooperativismo de Crédito**. 1.ed., Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2004.

PARÉ, A. M. **Intercooperação: a formação de redes flexíveis como estratégia competitiva inteligente**, 1.ed. Porto Alegre: SESCOOP/RS, 2010.

PERIUS, V.F. **Origens do cooperativismo**. Porto Alegre/RS: SESCOOP/RS, 2020.

PERIUS, V. F. **Cooperativismo e lei**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2001.

PEREIRA, J. **Elos e correntes: história do cooperativismo e do crédito no Rio Grande do Sul (1902-1930)**. Porto Alegre: SESCOOP, 2012.

PINHO, J. B. **Jornalismo na Internet: planejamento e produção da informação on-line**. São Paulo: Summus, 2003.

PIVOTO, D. **Governança cooperativa: os problemas dos direitos de propriedades difusos em cooperativas agropecuárias**. 1.ed. Porto Alegre, RS: Buqui, 2015.

ROSSI, A. do C. S. **Cooperativismo à luz dos princípios constitucionais**. 22.ed. Curitiba: Juruá, 2005.

SANTOS, B. de S. (Org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SCHNEIDER, J. O.; HENDGES, M. **Educação e capacitação cooperativa: sua importância e aplicação**. ESAC Economia Solidária e Ação Cooperativa: Unisinos, 2006.

SOUZA, T. M.; BÜTTENBENDER, P.L.; FREITAS, G. D. Um estudo sobre o Programa Jovem Aprendiz Cooperativo do Campo, sua importância e contribuições para a formação de jovens cooperados e o futuro do cooperativismo. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE COOPERATIVISMO*; 2. 2019. **Anais...** Encarnación Py. Edunae, 2019.

THESING, N. J. **Por um mundo melhor: cooperação e desenvolvimento**. Porto Alegre: SESCOOP/RS, 2015.

VERONESE, M.V; GUARESCHI, P.A. Hermenêutica de profundidade na pesquisa social. **Ciências Sociais Unisinos**, maio/jun. 2006.

ZARTH, P. A. Interpretações da imigração e colonização no sul do Brasil: para uma crítica ambiental. *In: MARTINEZ, E. E. G. et al. (Org.). História da imigração: possibilidades e escrita*. São Leopoldo: Oikos ; Editora Unisinos, 2013.

SICREDI NOROESTE RS: **Informação e histórico**. Disponível em <http://www.sicredinoroesters.com.br/historico.php>. Acesso em: 22 set. 2020.

ZAMIN, G.; BÜTTENBENDER, P.L. Estudo sobre os motivadores e inibidores de permanência de jovens na atividade agropecuária e os aportes de ações estratégicas de uma cooperativa para viabilizar a inclusão econômica e social e sustentabilidade: O caso de uma cooperativa agropecuária. *In: ENCUENTRO DE INVESTIGADORES LATINOAMERICANOS EN COOPERATIVISMO*; 10. 2018. Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: UBA, 2018.